

BRECHÓ DE TROCA: Sujeito, Corpo, Memória

Helena de Barros Soares; Bacharel em Psicologia; hellsoares@gmail.com

Resumo: O texto traz a criação do Brechó de Troca como dispositivo de produção de sentido. É fundamentada na proposta analítica da constituição do sujeito como ser de memória inclusive na relação com o corpo e o vestir, subvertendo a lógica do consumo como única alternativa para o tema da moda.

Palavras-chave: sujeito; memória; troca

Abstract: The text presents the Brechó de Troca as a device of meaning's production. It's founded in the analytical propose of constitution of a subject as a memory's being also in it's body and it's wearing behaviour, subverting the consumer's logic as the only way to perceive fashion.

Key-words: subject; memory; exchange

Moda Pós-Moderna, Enlaces no Trajeto: o novo mundo e a nova moda

A passagem da modernidade para a pós-modernidade traz consigo a explosão da produção técnica e científica como forma de transposição do limite da natureza: o homem agora a desafia dizendo até onde pode ir. A cosmética apresenta soluções para uma aparência eternamente jovem, a medicina se debruça na invenção do homem eterno. Na moda o *fast fashion* se instaura como solução mercadológica para a urgência de se ter, e não ser um sujeito singular, afetado por sua finitude e assim por sua infinita capacidade criativa de compor um *look* seu.

Lipovetsky (1989), Bauman (2001), Jameson (2002): todos anunciam uma era de declínio das ideologias, das autoridades e da verdade como saber, de efemeridade nas relações e nas produções, de esvaziamento dos enunciados, da linguagem como forma de conexão entre os sujeitos. É preciso inventar um novo jeito de ser que sobreviva à angústia de aniquilamento. Na moda não é diferente. Anteriormente a confecção por antigas artesãs era garantia de personalização da criação; hoje a compra de uma peça em um manequim vazio (imagem recorrente nos sites de *e-commerce* de vestuário) exalta que qualquer um pode ter feito ou que possa usar tal peça. Qualquer um

não é nenhum sujeito: no empobrecimento de um vestir singular todos podem usar tudo, mas ninguém se apropria de Um jeito de vestir, ainda que temporário.

“A repetitividade ofertada pela indústria de moda a partir do surgimento do *prêt-à-porter* fez com que ideias criativas se transformassem em *commodities* ou imagens de segunda mão (...). Predomina a primeira realidade, a técnica (da produção em série), em detrimento da segunda realidade, que é pautada pela imaginação. Nessa imposição padronizadora não há comunicação, pois não se estimula o pensamento.” (Garcia apud Castilho e Andrade, p.40-41)

Em uma sociedade em que “Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.” (Debord 1997, p. 13) e que em todo lugar se pode achar um espetáculo (incluo aqui o novo vestir), como pensar uma moda que possibilite vínculos? Pois,

“Para que a moda encarne seu papel fomentador de vínculos, é fundamental que haja uma fratura capaz de romper o discurso pasteurizado do igual, distinta da produção de roupas dentro do espectro dos modismos da temporada. Trata-se da gênese de um estilo, expressão de um pensamento que não exige radical mudança de conduta e permite a evolução de valores.” (Garcia, apud Castilho e Andrade, p.36)

Se conhecíamos uma sociedade criativa, perecível, discutível e acessível esta transformou-se em réplica perfeita entretanto inacessível ao sujeito. Difícil imaginar a invenção de um vestir singular: a sociedade do espetáculo pós-moderna exige um monopólio da aparência que ela impõe à aceitação passiva (p.17) de seus membros.

A constituição do sujeito: corpo e memória

Nesse cenário avassalador da moda pós-moderna encarnada no *fast fashion* surge a demanda de leitura do novo sujeito da moda. Há sujeito? Há processos de singularização? É possível inventar imagens que dêem conta de vestir o sujeito pós-moderno? Crio um dispositivo para pesquisar tais questões em aberto, para propor outras formas de aquisição e descarte de roupas e/ou acessórios: surge a ideia do Brechó de Troca.

A proposta é promover encontros com objetivo de trocas do excedente de cada guarda-roupa por outras peças de outros guarda-roupas. Procuo o local, marco data e horário, divulgo e aguardo a chegada de pessoas inesperadas com suas sacolas de roupas e histórias para contar.

A dúvida dos interessados (que me escrevem ou ligam) em o que levar aos encontros repete-se inesgotavelmente. No princípio foi quase um incômodo para mim que me havia com os problemas de quantidade de público: a divulgação é árdua e faço-a sozinha. Todas as expressões de resistência me tocavam: era minha aposta de trabalho que estava em jogo. Com o passar do tempo entendi este incômodo como parte da angústia da legitimação de meu processo criativo que é o próprio Brechó de Troca. Não saber o que é relevante para levar me remetia a ideia inversa à minha proposta. Abrir um espaço de alteridade, sem julgamentos através do viés financeiro, indo além do espaço do consumo como atravessamento do desejo de um vestir singular. Em um espaço assim, eu imaginava que qualquer peça, em qualquer condição de uso, procedência ou idade seria bem-vinda; era meu desejo, minha utopia.

Minha história pessoal pré-acadêmica foi de filha caçula cercada de “presentes” usados: roupas de todos os entes familiares herdadas para suprir as necessidades. O acolhimento de cada peça costumava (e o é até hoje) beirar a ansiedade: “quando aquele blusão me servirá?”. Associado a uma mãe costureira, disposta a (re) criar o que me convinha, pude ter a experiência infantil, anterior a Psicologia, de singularidade para o vestir.

Em texto que traz uma abordagem da família como estrutura na ordem da cultura, ou seja, um caminho pela qual o sujeito precisa trilhar a fim de tornar-se independente, Lacan (1984) trata da influência do meio centralizada na família; pesquisa que desencadeia no entendimento de que a “ ‘família como objeto e circunstância psíquica’, nunca objetiva os instintos, mas sempre os complexos.” Ora, se meu entendimento acerca do vestir se coloca como uma experiência do trânsito, uma memória agradável da troca e da passagem, nada mais natural que um incômodo com a expressão contrária a isto. Neste quesito o complexo de que nos fala Lacan dirige ao estranhamento à lógica do consumo, ao receio dos participantes em expor parcela de seu guarda-roupa defasado em relação às tendências para o vestir. Constituí-me com o complexo de que a lógica do consumo desenfreado pela novidade no vestir é alienante,

pois para mim a roupa localiza-se “dentro do corpo”, localizada num espaço psíquico da troca, da criação de modelos imaginados para serem confeccionados, não comprados. O tempo da roupa para mim passa com certa calma, mas o mesmo tempo para o pensamento da moda é acelerado.

Cada grupo traz consigo novas pessoas, novas configurações. A cada encontro os participantes que por acaso se repetirem trazem peças, humores e também histórias diferentes das anteriores. É impossível prever o que virá o que vai trazer, o quanto cada um sairá satisfeito ou qualquer outro dado: estou jogada, como coordenadora, ao acaso, ao total desconhecido.

Para dar conta da formação da constituição do *eu*, Lacan (1998) desenvolve a expressão estádio do espelho que “designa um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho” (Roudinesco e Plon, 1998). Nesta fase de radical dependência física, em que o mundo lhe oferta a sobrevivência, a criança começa a antecipar imagens de um corpo da qual ainda não tem noção da forma, da composição: vive puramente de sensações. A construção dos registros se dá como uma miragem, uma imagem onde o bebê especula ser mais capaz do alguém ainda impotente motora e intelectualmente que de fato é. No reflexo (metafórico) do espelho de seus cuidadores que se confirma uma identidade, a formação de um sujeito. O bebê cria uma imagem de si a partir de uma imagem ilusória, imaginária que faz de si mesmo e seus entes lhe confirmam tornando possível a constituição do ego (que possibilitará a formação do aparelho psíquico) e da imagem corporal. É uma construção que depende de um terceiro, de uma confirmação ou validação.

“(…) o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.” (p. 100)

Num primeiro momento não importa o quão irreal é a imagem que é especulada, mas sim que ela exista e que ali surja um novo ser promissor de independência: alguém que vai fazer escolhas ímpares, arranjos singulares e poderá responsabilizar-se por suas próprias imagens e projetos criados. Nasce um corpo quando ele é capaz de suportar sua própria construção. O reconhecimento social das imagens especulares do infante serve para reconhecer que ali há um ser humano, que há possibilidade de advir à singularidade. É no sorriso quase involuntário que a família ou os cuidadores dotam ao infante a possibilidade de um Ser com opinião perante uma experiência; é no acalanto do choro que os adultos refletem o que este Ser não deve suportar. E é desde aí, nesta cena, que as primeiras experiências de percepção de cores, texturas e formas se darão: o estilo de vestir inicia sua formação juntamente com todas as demais experiências da alteridade. O arcabouço desta construção é a memória das pessoas. No decorrer das experiências de vida se acumulam mais e mais experiências que vão se sobrepondo e relacionando-se a outras do sujeito.

Esquecimento e memória andam juntos. Quando ouvimos histórias de uma pessoa, sobre sua vida e suas coisas isso nos afeta; remete-nos a lembranças jamais antes trazidas à consciência e isso desperta outros tantos sentimentos que vão se agregar a novas reminiscências criando assim mais memórias. Estas por sua vez, por demanda do cotidiano, serão mais uma vez reprimidas, guardadas em local incerto, aguardando nova possibilidade de vir à tona. Da experiência dos afetos que o toque dos diferentes tecidos podem nos dar, até a representação de poder que uma peça pode carregar os relatos que são feitos de forma despretensiosa no Brechó de Troca, vão abrindo janelas para a experiência da memória.

Essas janelas mostram-se entreabertas nos telefonemas que recebo com a pergunta “o que eu devo levar?”. É quase palpável a tentativa de deslocamento da lógica do vestir restritamente pelo consumo para a experiência coletiva do Brechó de Troca. Minha escuta alcança o desejo destas pessoas que se aproximam timidamente, mas também de forma pontual, precisa: querem retorno do esforço deste deslocamento. Valer-se da troca ao invés do consumo é um esforço a partir do entendimento social de que há uma programação para que funcionemos como seres uniformizantes. Se for na

família que os complexos dão seu início, na sociedade encontra terreno fértil para perdurar; e na composição para o vestir não é diferente, o consumo desenfreado das sociedades pós-modernas corroboram para um vestir despersonalizado, complexado.

Cada peça que cada participante revela o sentido que isto ocupou-lhe, que verdade esta roupa traduziu em sua vida. É um sentido ultrapassado (mas muitas vezes ainda potente) da morada deste sujeito, é a fala do que ele foi e do que não lhe serve mais – dado que o participante intenciona querer desfazer-se. Entretanto se coloca como dispositivo de sensibilização para a construção de novas memórias, novas histórias: os afetos que se produzem nos encontros do Brechó de Troca propõem um novo discurso de estilo para quem o freqüenta. Cada fala, sobre cada roupa e cada acessório abre uma enorme gama de novas construções subjetivas do vestir. Durante o momento de experimentação (que antecede a troca propriamente dita) das peças de interesse no Brechó de Troca vão se somando aberturas para criação de novas memórias; elas só se efetivam na experiência corpórea, no toque do tecido e no olhar do espelho (real ou metafórico) que remete a sua constituição como sujeito desejante, vivo:

“Assim, o sentido de uma roupa só se completa ao vestir um corpo, o que determinamos por um sintagma composto, o *corpo vestido* assume a sua plena competência para atuar. Pelos seus atos, o corpo vestido realiza a sua grande performance em situações concretas do seu contexto social que é a de produzir uma visualidade para o sujeito. O corpo vestido mostra os modos de o sujeito estar no mundo, a sua presença.” (Oliveira, apud Castilho e Oliveira, 2008, p. 93)

As apresentações de cada peça (parte da metodologia apresentada adiante) se completam quando alguém se interessa por ela inventando um novo corpo vestido. A presença do grupo e de seus pertences não mais aceitos no corpo de que os traz legitima a tese da passagem da roupa pela fala sobre esta: ao reconhecer que o corpo não mais aceita tal peça, mas que esta carrega memórias verdadeiras. O corpo não-vestido, e que busca completude, ainda que efêmera, na atuação de um suposto corpo vestido que se revela ali no grupo. Stallybrass (2008) acrescenta que “As roupas são preservadas; elas

permanecem. São os corpos que as habitam que mudam.” (p.29) e mais adiante que

“As roupas são, pois, uma forma de memória, mas elas são também pontos sobre os quais nos apoiamos para nos distanciar de um presente insuportável (...)” (p.33)

Ideia que retoma a legitimidade da angústia de aniquilamento experimentada pelas frágeis relações pós-modernas que, associadas à moda se traduzem no comportamento do consumo desenfreado.

Em exercício sobre diversidade de informações sobre a roupa com seus alunos Rita Andrade (apud Mesquita e Preciosa, 2011, p.31), relata que muitas são as descrições acerca de uma imagem e “Se a presença física da roupa devesse nivelar as interpretações, não foi o que aconteceu (...)”. A autora e professora apresenta a proposta de que a presença física das peças anteriormente conhecidas por imagem em slide amplia as conexões com ainda mais características, agora em relação à técnica, conectando os estudantes ao universo dos outros profissionais com quem irão dialogar: costureiras, modelistas, cortadores, designers, posicionando-se de forma mais crítica ao seu próprio processo na universidade. A imagem da peça traz um arcabouço de elementos estéticos que podem ou não sensibilizar ou não um graduando; mas presença subjetiva dos atores na produção do vestiário afeta o aprendizado trazendo-o ao real da criação. A realidade do sistema falho e sereno que é marcado pelo tempo: tempo de criar, de desenhar, de modelar, de pensar o material, de viabilizar o material, de cortar, de costurar, de experimentar, de bordar,... Tempo para esquecimento e memória se organizarem sem se sobreporem em uma busca ansiosa por algo incerto.

O Sujeito e a Moda do Brechó de Troca

O Brechó de Troca tem metodologia estruturada que conduz os encontros, mas ao mesmo tempo permite a abertura ao inesperado de cada grupo. Cada participante leva de cinco até vinte e cinco peças de roupas e/ou acessórios que desejam desvencilhar-se. Podem ser peças suas ou de terceiros como de sua mãe, do companheiro (a), de filhos ou de amigos. Peça a todos sentarem-se em roda (escolho e organizo os espaços para que a

disposição possa ser esta) e depois inicio uma fala de abertura do encontro. Relato brevemente o motivo pela qual concebi este trabalho e reforço a relevância da disponibilidade dos participantes para esta forma de aquisição de vestuário e explico como funcionarão as trocas. Depois peço que alguém comece com uma breve apresentação sua (nome e o que mais tiver vontade de partilhar) e depois das peças: essa é a particularidade do Brechó de Troca. Todos falam algo de cada peça que trazem. As apresentações são livres, pode-se falar do que quiser, mas insisto que algo seja dito. As trocas também são livres; é possível trocar uma peça por duas, fazer triangulação, calça por casaco, camiseta por brinco, bolsa por vestido e todas as infinitas possibilidades que puderem ser inventadas a partir do desejo de quem se disponibiliza ao escambo.

As falas acerca de cada peça são de infinitas afetações. Cada peça de roupa suscita, no momento da apresentação, afetos inusitados; a memória ligada à peça é acionada e é compartilhada ora em silêncio ora relatadas. O compartilhamento aparece nas mais diferentes formas: o olhar, a contenção das palavras por timidez, a prolixidade por ansiedade ou mesmo a inversão desses. Os depoimentos versam sobre o estado de conservação das peças, o motivo pela qual estão se desfazendo (que vai do desuso até mudança de peso e medidas com várias outras possibilidades no meio destas), a forma de aquisição e sentimentos que a roupa lhes remete. Os comentários estão sempre presentes, tal como que as memórias relatadas acionassem afetos nos demais participantes.

Em pequeno texto Preciosa (apud Amaral, 2008) nos apresenta poeticamente essa relação das roupas, o que essa forma de expressão diz para a autora acerca de quem a veste:

“É que as roupas têm essa faculdade de nos transportar ao tempo expandido da ficção, que, com sua língua estranha, nos mobiliza a fabular outras composições vestíveis, atropelando o funcionamento “fashion” de mão única, que limita a imaginação.

A rua, esta circunstancial passarela de todo dia, nos dá a oportunidade ao menos de, num relance, vislumbrar as múltiplas densidades culturais que a roupa contém. Não sei a quem pertence, mas posso percebê-la, se nova ou desgastada pelo uso, através das cores vivas

ou desbotadas. Posso intuir sua textura pelo tato. Posso interrogar sua forma e como esta se afina com o corpo que a veste. (p.47)

Tais composições ficcionais são apresentadas a cada encontro sob forma de falas acerca do que foi vivido com aquela peça; ou ainda o que esperado viver e não o foi. Desilusões, transformações, reinvenções de expectativas: tudo presente na apresentação das roupas. Cada calça viveu com seu dono uma experiência que, falada ou velada, está presente junto com ele neste espaço. O grupo se abre ao inesperado por proporcionar a experiência da fala livre, do convívio, da troca responsável.

Após todas as apresentações dos participantes sobre suas peças abro o momento de trocas. Em alguns encontros o interesse pelas roupas vai sendo dito ao longo das apresentações. No momento das trocas os participantes acusam seus interesses e usualmente perguntam se podem experimentar as peças. A mediação se coloca em momentos específicos de impasses quando uma das partes deseja a troca e outra não tem interesse em suas peças ou quando duas pessoas interessam-se pela mesma peça. Ambos os conflitos são raros e nunca geraram discussões.

Para finalizar o encontro faço mediação das trocas fazendo levantamento de todos os interesses anunciados e confrontando com o desejo dos donos das peças. Quando não há possibilidade de alguma troca procuro sinalizar que algumas situações são irremediáveis e também questiono o participante acerca de possíveis decepções com o encontro. Ainda assim todos os participantes estão cientes de que a satisfação plena não é garantia, já que não é possível obrigar alguém de ceder uma peça de roupa em troca do que não deseja. O fundamento básico do troca-troca é a vontade.

Conclusões Preliminares da Proposta do Brechó de Troca: Desejo e Trânsito

A noção acerca da constituição do vestir passa pela verdade da passagem. As teorias analíticas acerca da constituição do *eu*, da relevância do social como possibilidade para a mesma vieram a contribuir para tais conclusões. O tema da moda e do estilo do vestir são relevantes na temática do estudo da produção de subjetividade. A elaboração de espaço vinculador de

tais temas me foi necessário como busca da ética profissional, de uma *práxis* que falasse da minha própria constituição atravessada pela demanda externa.

O Brechó de Troca vem sendo a busca da integração desta formação. Pensar o sujeito atravessado pelo vestir é pensar a escuta da formação de vínculos como potencialização da experiência estética. O grupo que proponho pretende ser um dispositivo para além do consumo da roupa permitindo o diálogo de diferentes propostas para um despir sem traumas. Acessar a memória de quem participa, através das peças que escolheu trazer, abre espaço para outros de dispam de seus preconceitos promovendo assim um fluxo de afetos e sentidos; a abertura para novas formas de vestir.

Se a falta de imaginação para vestir é resultado do esvaziamento dos enunciados no fenômeno da pós-modernidade, cria-se um espaço onde os participantes emprestam uns aos outros uma rede de imagens. São histórias, reações, emoções que, relatadas ou aquietadas não cessam o discurso: produzem uma onde de significantes que dialeticamente se propõem a produzir outros tantos.

Por ora podemos pensar estes eventos no âmbito do encontro de uma formação com um desejo: um ato responsável que pensa o vestir vinculado à vontade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rita. A Moda na história é Roupas Inacabadas, *In*: MESQUITA, C.; PRECIOSA, R. (org.) *Moda em Ziguezague: Interfaces e expansões*, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

GARCIA, Carol. Moda e Comunicação: o jogo das aparências, *In*: CASTILHO, K.; ANDRADE, R. (Orgs) *Revista Nexos*, São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2002/2.

JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, São Paulo, Ática, 2002.

- LACAN, Jacques. (1984). *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LACAN, Jacques. (1998). *O Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu (1949)*, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Visualidade Processual da Aparência*, In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.) *Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo*, Barueri, SP, Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- PRECIOSA, Rosane. *Eu e Todas Nós*, In: AMARAL, Glaucia (curadora) *Com Que Roupas Eu Vou*, Belo Horizonte, Casa Fiat de Cultura, 2008.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.